



O MÊS AZUL: SALA DE ESPERA SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

**TAILA CRISTINA BASTOS CAVALCANTE; JORGEANE PEDROSA PANTOJA;
SAMARA MACHADO PAIVA**

RESUMO

Abril é estabelecido pela Organização das Nações Unidas como o mês azul, como forma de visibilidade do Transtorno do Espectro Autista, este sendo um transtorno de neurodesenvolvimento que acarreta em prejuízos de comunicação e interação social. A identificação dos sinais de alerta deverá ser efetuada o mais rapidamente possível a fim de iniciar a intervenção e a monitoração dos sinais para início do tratamento terapêutico, bem como o recebimento do diagnóstico. Logo, é imprescindível que a equipe de saúde promova formas de oferecer suporte informacional à comunidade utilizando estratégias como educação em saúde em sala de espera. Este estudo objetiva abordar a potencialidade da sala de espera para promoção de saúde e trocas de informações e/ou experiência sobre o Transtorno do Espectro Autista. A atividade de Educação em Saúde, compõe as diretrizes do Núcleo Ampliado de Saúde da Família, no processo de planejamento das atividades coletivas, aborda as temáticas preconizadas pelo calendário do Ministério da Saúde, que inclui as principais campanhas de saúde. Assim, no mês de abril, em referência ao Dia Mundial de Conscientização do Autismo, celebrado no dia 2, foi possível organizar a ação de educação em saúde, a partir da contribuição da Terapeuta Ocupacional do Núcleo Ampliado de Saúde da Família, residente da Estratégia Saúde da Família e graduandos em Terapia Ocupacional. A ação foi contemplada por dinâmica interativa, além do compartilhamento de histórias, posicionamentos críticos, esclarecimento de dúvidas, distribuição e leitura guiada de folders informativos. Por fim, além da potencialização do espaço de espera para um lugar gerador de conhecimento a partir de trocas, foi possível beneficiar a comunidade por meio captação de duas crianças para o serviço de Terapia Ocupacional, a fim de realizar avaliação inicial e vigilância do desenvolvimento infantil, além de aplicação de escala para rastreamento de traços de autismo.

Palavras-chave: Educação em saúde; sala de espera; transtorno do espectro autista; estratégia saúde da família

1 INTRODUÇÃO

A Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu o mês de abril como o mês azul, como forma de visibilidade o Transtorno do Espectro Autista (TEA), que é classificado pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) como um transtorno de neurodesenvolvimento, consiste em uma condição atípica do desenvolvimento neurológico, que se caracteriza pela presença de dificuldade em graus variados de capacidade de comunicação e interação social. Como o espectro inclui níveis I, II e III, em uma escala crescente de gravidade e demanda para suporte em atividades do cotidiano (DSM-V, 2014).

A identificação dos sinais de alerta deverá ser efetuada o mais rapidamente possível a fim de iniciar a intervenção e a monitoração dos sinais para início do tratamento terapêutico,

bem como recebimento do diagnóstico (WALLIS *et al.*, 2020). Os sinais podem envolver dificuldade de manter o contato visual, ecolalia, estereotípias que são as repetições e rituais que podem ser linguísticos, motores e até mesmo de postura, interesses restritos, dificuldade de comunicação, linguagem expressiva e comunicativa, baixo contato visual, ecolalia, alterações emocionais quando se há uma mudança na rotina, seletividade alimentar. Vale ressaltar que há possibilidade de as crianças com TEA não apresentarem todos os sinais (ARAÚJO *et al.*, 2022). Portanto, é imprescindível que a equipe de saúde promova formas de oferecer suporte informacional à comunidade, facilitando o acesso aos serviços e garantindo direitos (WEISSHEIMER-KAUFMANN *et al.*, 2022). Dentre diversas ferramentas, destaca-se a educação em saúde com enfoque na sala de espera, que é um espaço de ações coletivas capaz de oportunizar novos conhecimentos, trocar experiências, identificar temas relevantes para comunidades e criar vínculos entre profissionais e usuários (FEITOSA *et al.*, 2019). Dessa forma, este estudo objetiva abordar a potencialidade da sala de espera para promoção de saúde e trocas de informações e/ou experiência sobre o Transtorno do Espectro Autista.

2 RELATO DE EXPERIÊNCIA

A atividade de Educação em Saúde, compõe as diretrizes do Núcleo Ampliado de Saúde da Família (NASF), no processo de planejamento das atividades coletivas, aborda as temáticas preconizadas pelo calendário do Ministério da Saúde, que inclui as principais campanhas de saúde. Assim, no mês de abril, em referência ao Dia Mundial de Conscientização do Autismo, celebrado no dia 2, foi possível organizar a ação de educação em saúde, a partir da contribuição da Terapeuta Ocupacional do NASF, residente da Estratégia Saúde da Família (ESF) e graduandos em Terapia Ocupacional.

A ação ocorreu no turno da manhã, no espaço de sala de espera de uma ESF da região Metropolitana de Belém, localizada na área de abrangência do NASF, contemplada por aproximadamente 20 usuários, estes que compartilhavam o espaço em comum enquanto aguardavam as consultas médicas e da equipe multiprofissional.

Inicialmente, foi realizada apresentação da residente e alunos, evidenciando a temática a ser abordada posteriormente. Logo, foram entregues placas com face vermelho e verde, representando mito e verdade, respectivamente, para os usuários que aceitaram participar da dinâmica, a qual foram explanadas frases afirmativas sobre o TEA, cabendo ao público eleger a veracidade da informação acerca do diagnóstico, sinais, tratamento e direitos.

A interação com o público presente foi positiva, com feedback imediato após a dinâmica, além do compartilhamento de histórias, posicionamentos críticos e esclarecimento de dúvidas. Feito isso, houve distribuição de folders informativos, elaborados pela própria equipe, seguido de leitura guiada. Por fim, foi realizada apresentação do serviço de Terapia Ocupacional na ESF.

Diante do exposto, foi possível realizar captação de usuários no espaço, sendo feito agendamento para avaliação de duas crianças. A sala de espera aproximou o usuário do serviço, além de possibilitar uma avaliação de crianças que, provavelmente, demoraria mais tempo a chegar ao serviço. Vale ressaltar que, embora as pessoas presentes no espaço não tenham ido especificamente para receber as orientações, pois elas esperavam atendimentos de outras especialidades, foi possível fornecer esse suporte informacional e realizar essa captura.

3 DISCUSSÃO

A Atenção Primária em Saúde (APS) é apontada como o primeiro contato do usuário com o sistema, além de assumir o papel de coordenador e organizador do cuidado (MELO *et al.*, 2018). Nesse contexto, a APS, embasada na Política Nacional de Educação Popular em

Saúde (PNEPS-SUS), apoia estratégias que transformam os territórios de saúde em espaços de formulação de políticas públicas, gestão compartilhada entre trabalhadores e comunidades por meio da incorporação dos princípios da Educação Popular nas ações de Educação Permanente dos Trabalhadores (FITTIPALDI; O'DWYER; HENRIQUES, 2021).

Portanto, a ação referida neste estudo, além de favorecer trocas potentes entre os usuários e profissionais sobre o TEA, contribuiu notoriamente para formação dos acadêmicos e da Terapeuta Ocupacional residente. Logo, experienciaram momentos sensíveis a escuta da comunidade, com prática diferenciada e humanizada.

Os princípios da Educação Popular consideram os sujeitos como protagonistas no enfrentamento dos determinantes e condicionantes sociais da saúde. Para tal propósito, faz-se necessário um espaço para dialogar, no qual tornará possível um encontro de conhecimentos, com compartilhamento respeitoso dos variados saberes, expandindo o conhecimento crítico e contribuindo com o processo de autonomia dos sujeitos (FITTIPALDI; O'DWYER; HENRIQUES, 2021).

Nesse cenário, a sala de espera se mostra como um recurso importante para a realização de atividades de educação em saúde, pois oferecem oportunidades para novos aprendizados, troca de experiências, detecção de temas relevantes à comunidade e aproximação dos usuários aos profissionais. Os momentos de ócio dos pacientes à espera de consultas são transformados em ferramentas produtivas de transformação social, redefinindo hábitos e reflexões sobre os temas discutidos (MAZZETTO *et al.*, 2020).

O TEA foi a temática da sala de espera descrita anteriormente, sendo um transtorno do neurodesenvolvimento, que pode ser detectado desde muito cedo, na primeira infância. Por conseguinte, o rastreio precoce do transtorno é imprescindível para dar início aos tratamentos, podendo levar a melhores resultados a longo prazo devido a neuroplasticidade do cérebro em idades mais jovens (ZWAIGENBAUM *et al.*, 2019; COSTA; GUARANY, 2021).

Dessa forma, a sala de espera finalizada pela apresentação do serviço da Terapia Ocupacional na AP foi imprescindível para oportunizar novas captações de usuários. Afinal, o profissional Terapeuta Ocupacional pode atuar diretamente no processo de avaliação do desenvolvimento da criança, bem como no processo de reabilitação, identificando os fatores de risco existentes no contexto do ambiente em que as crianças vivem e, portanto, capaz de observar os sinais de autismo. Após estabelecido o diagnóstico, o profissional Terapeuta Ocupacional deve promover maior qualidade no desenvolvimento da criança em casa, na escola e nos demais contextos em que se insere (BRASIL, 2010).

4 CONCLUSÃO

São necessárias inovações nas práticas educativas que ultrapassem as rotinas cotidianas que enfatizam os modelos biomédicos, valorizando a integralidade no cuidado e educação popular, incentivada em conferências nacionais e internacionais, bem como em nossas próprias leis e políticas nacionais. Nesse contexto, o processo da educação em saúde sobre o TEA, promovido pelo NASF, possibilitou aos usuários, em espera para atendimentos de outras especialidades, informação sobre o autismo, bem como ferramentas essenciais para identificação dos sinais de forma precoce, agilizando a procura pelos serviços de saúde.

Ademais, destaca-se a relevância dos benefícios proporcionados a duas crianças que foram encaminhadas para o serviço de Terapia Ocupacional. Esse encaminhamento possibilitou a condução de uma avaliação inicial abrangente, bem como a vigilância do desenvolvimento infantil, incluindo a aplicação de uma escala específica para o rastreamento de possíveis traços de autismo. Tais medidas representam um avanço significativo no direcionamento de cuidados especializados e personalizados para atender às necessidades específicas dessas crianças.

A abordagem proativa adotada, centrada na intervenção precoce e focalizada, não apenas responde às demandas imediatas, mas também ressalta a importância de identificar e abordar precocemente quaisquer desafios no desenvolvimento infantil. A expectativa é que essas crianças continuem a colher os benefícios desse suporte especializado, promovendo não apenas a mitigação de possíveis desafios, mas também um desenvolvimento saudável e holístico ao longo de seu processo de crescimento. Este cenário reforça a necessidade contínua de investir em abordagens que priorizem a intervenção precoce e personalizada para otimizar o potencial de desenvolvimento de cada criança.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marielle Flávia do Nascimento. et al. Autismo, níveis e suas limitações: uma revisão integrativa da literatura. **PhD Scientific Review**, v. 2, n. 05, p. 8-20, 2022.

BRASIL. Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional 3 (Crefito 3). Cartilha: Terapeuta Ocupacional e o SUS. São Paulo: 08 p. 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria de Consolidação nº 2, de 28 de Setembro de 2017. Consolidação das normas sobre as políticas nacionais de saúde do Sistema Único de Saúde [Internet]. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2017 [citado 10 Mai 2020]. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prc0002_03_10_2017.html.

COSTA, Carla Serpa; GUARANY, Nicole Ruas. O reconhecimento dos sinais de autismo por profissionais atuantes nos serviços de puericultura na atenção básica/The recognition of signs of autism by professionals working in childcare services in the basic care. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional-REVISBRATO**, v. 5, n. 1, p. 31-44, 2021.

FEITOSA, Antônio Lucas Ferreira. et al. Sala de espera: estratégia de educação em saúde no contexto da atenção básica. **Revista Brasileira de Educação e Saúde, Paraíba**, v. 9, n. 2, p. 67-70, 2019.

FITTIPALDI, Ana Lúcia de Magalhães; O'DWYER, Gisele; HENRIQUES, Patrícia. Educação em saúde na atenção primária: as abordagens e estratégias contempladas nas políticas públicas de saúde. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 25, p. e200806, 2021.

IP, Angie; ZWAIGENBAUM, Lonnie; BRIAN, Jessica A. Post-diagnostic management and follow-up care for autism spectrum disorder. **Paediatrics & child health**, v. 24, n. 7, p. 461-468, 2019.

MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

MAZZETTO, Fernanda Moerbeck Cardoso et al. Sala de espera: educação em saúde em um ambulatório de gestação de alto risco. **Saúde e Pesquisa**, v. 13, n. 1, p. 93-104, 2020.

MELO, Eduardo Alves et al. Changes in the National Policy of Primary Health Care: between setbacks and challenges. **Saúde em Debate**, v. 42, p. 38-51, 2018.

WALLIS, Kate E. et al. Aderência às diretrizes de triagem e encaminhamento para transtorno

do espectro do autismo em crianças em cuidados primários pediátricos. **PloS um**, v. 15, n. 5, pág. e0232335, 2020.

WEISSHEIMER-KAUFMANN, Gisele. et al. Validação de informações para construção de cartilha interativa para famílias de crianças com autismo. **Cogitare Enfermagem**, v. 27, 2022.

ZWAIGENBAUM, Lonnie; BRIAN, Jessica A.; IP, Angie. Early detection for autism spectrum disorder in young children. **Paediatrics & Child Health**, v. 24, n. 7, p. 424-432, 2019.